

# RELATOS DE UM EXPLORADOR INGLÊS: UMA PERSPECTIVA DA VIAGEM DE FRANCIS GALTON PELO SUDOESTE DA ÁFRICA (1850-1852)

*Fabiana Lopes da Cunha*<sup>1</sup>  
*Leonardo Dallacqua de Carvalho*<sup>2</sup>

Quando se ouve falar em Francis Galton (1822-1911), a lembrança mais proeminente sobre seus estudos diz respeito à hereditariedade e a eugenia, afinal, não é mero acaso que ele seja reconhecido como o “Pai da Eugenia”<sup>3</sup> ou que a eugenia seja constantemente referida como a “Ciência de Galton”. Contudo, nossa intenção não é abordar a trajetória de estudos da eugenia de Galton após 1865, quando pela primeira vez o “talento hereditário” começava a tomar forma em uma publicação no *Macmillan’s Magazine*. Nossa inquirição permeia no início dos anos de 1850, quando ainda jovem se aventura a explorar o sudoeste do continente africano e pertencente a um projeto de reconhecimento geográfico.

Situa-se entre os objetivos deste trabalho contribuir para a compreensão de como Galton observou nesse período, a partir da sua experiência, os países africanos em que visitou e como fez suas leituras perante as localidades, animais e os “grupos humanos”<sup>4</sup> com os quais esteve em contato. Devemos alertar que Galton era um cientista do seu tempo e projetava suas próprias interpretações do “Outro”, algo muito presente nesses escritos. Nossa fonte principal é uma narrativa de viagem publicada em 1853 intitulada de *Narrative of an Explorer in Tropical South Africa*. Em comunhão, algumas vezes recorreremos as *Memories of my life*, um livro de memórias publicado em 1908, três anos antes de sua morte, para confrontar relatos deste período que complementem a investigação.

Antes de irmos às fontes, é preciso fazer um parêntese de como assimilaremos suas memórias. Elas surgem na pesquisa como uma fonte conveniente para estudar um Galton experiente e que analisa as etapas de suas viagens à luz de uma perspectiva autobiográfica. O sociólogo Pierre Bourdieu faz um alerta sobre os problemas da verificação da trajetória em uma biografia ou autobiografia. Isto é, aqui nos equivale dizer sobre a necessidade da construção da trajetória “[...] dos estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou”<sup>5</sup>. No entanto, a consistência

---

<sup>1</sup> Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo. Professora Assistente dos Cursos de Graduação em História e em Geografia (Campus Experimental de Ourinhos) e do Programa de Pós-Graduação em História (Campus de Assis) da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Coordenadora do Centro de Documentação e Memória – CEDOM/UNESP. Líder do Grupo de Pesquisa Patrimônios (UNESP/ Diretório CNPq) e vice-líder do Grupo de Pesquisa História & Música (UNESP/ Diretório CNPq). E-Mail: <fabianalopesdacunha@gmail.com>.

<sup>2</sup> Doutorando em História das Ciências e da Saúde na Fundação Oswaldo Cruz. Bolsista Fiocruz. E-Mail: <leo\_gerrard@hotmail.com>.

<sup>3</sup> STEPAN, Nancy. *A hora da eugenia: raça gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2005, p. 30.

<sup>4</sup> “Grupos humanos” são entendidos por nós como povos de diferentes localidades com os quais Galton esteve em contato. Como o próprio autor os diferenciará segundo critérios estéticos, preferimos a adoção deste termo.

<sup>5</sup> BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaina.

do nosso interesse em *Memories of my life*, insere-se no campo da identificação dos locais por onde ele tenha passado em ligação ao *Narrative of an Explorer in Tropical South Africa*. Uma espécie de utilização da memória para entrelaçar as convergências entre a delimitação de nossa temporalidade. Mais diretamente, as memórias nos possibilitam, por exemplo, uma identificação imagética (mapas) dos locais onde Galton percorreu e como se apresenta em suas descrições da África. As memórias acabam sendo um modelo de guia que ajuda a enquadrar as descrições da narrativa com sua trajetória descrita nas memórias.

Quanto ao termo “explorador”<sup>6</sup> que intitula este trabalho, está vinculado com a própria definição de Galton no prefácio de *Narrative of an Explorer in Tropical South Africa*, em que o autor se enxerga nessa disposição<sup>7</sup> – há também a utilização do termo viajante. Tanto explorador como viajante são nomenclaturas válidas para percebê-lo nas fontes. Sua primeira expedição rumo à África foi em 1845, após a morte do seu pai, quando decidiu viajar para países como Sudão e Egito<sup>8</sup>. Não obstante, é sob o auspício e reconhecimento da Royal Geographical Society (RGS) – indicado por seu primo, o capitão Douglas Galton – que fará uma de suas maiores empreitadas viajando para o Sudoeste da África, em uma região em grande parte desconhecida dos europeus e da qual era habitada por povos em conflitos. Os Damaras e Namaquas<sup>9</sup> são dois grupos que aparecem com frequência durante toda a obra.

Sobre o papel da RGS, Horacio Capel apresenta uma informação relevante para perceber a importância de sociedades como esta, inclusive para a viagem de Galton. Seu aparecimento ocorre na Inglaterra em 1788 sob o sugestivo nome de African Association for Promoting the Discovery of the Interior Parts of Africa, mas é somente mais tarde que passará a se chamar Royal Geographical Society of London<sup>10</sup>. Entre os interesses desta sociedade consistia a publicação de descobrimentos e textos geográficos, auxílio nas explorações e formação de exploradores. Além disso, a constituição de uma biblioteca geográfica e uma cartográfica<sup>11</sup>. Para Ângela Domingues, ao estudar o Brasil nos relatos de viajantes ingleses no Setecentos, a autora aponta que no século seguinte “Instituições como a Royal Society, a Royal Geographical Society e os Kew Garden dariam corpo à curiosidade até aqui reprimida, organizando e patrocinando viagens de

---

(orgs.). *Usos & abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006, p. 190.

<sup>6</sup> Para uma melhor descrição sobre o desenvolvimento do termo e suas aplicações ver: BOURGUET, Marie-Noëlle. “The explorer”. In: VOVELLE, Michel (org.). *Enlightenment portraits*. Chicago: University of Chicago Press, 1997, p. 257-260.

<sup>7</sup> GALTON, Francis. *Narrative of an explorer in Tropical South Africa*. Londres: John Murray, Albemarle, 1853, p. VII.

<sup>8</sup> GALTON, Francis. *Memories of my life*. Londres: Methuen & Co., 1908, p. 84-85; KEVLES, Daniel J. *In the name of eugenics: genetics and uses of human heredity*. Berkeley e Los Angeles: University of California Press, 1985, p. 06.

<sup>9</sup> KEVLES, *In the name of eugenics...*, p. 06.

<sup>10</sup> CAPEL, Horacio. *Filosofía y ciencia en la Geografía contemporánea: una introducción a la Geografía*. Barcelona: Barcanova Temas Universitarios, 1998, p. 174.

<sup>11</sup> CAPEL, *Filosofía y ciencia...*, p. 177; GEBARA, Alexsander Lemos de Almeida. *A África presente no discurso de Richard Francis Burton: uma análise da construção de suas representações*. Tese (Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006, p. 106.

exploração”<sup>12</sup>.

Outro ponto que deve ser abordado para compreender a estrutura das narrativas de Galton é que a RGS edificava-se como um braço científico do império britânico, porém, essa não deve ser a única leitura. Em adição, ela deve ser encarada como versou Gebara, “[...] dentro de um aparato europeu de representação e que, desta maneira, mesmo as mais diversas opiniões sobre as condições dos nativos africanos tendem a resultar na legitimação da instância científica europeia como única capaz de gerar sentidos”<sup>13</sup>. A afirmação nos faz insistir na própria visão inglesa de Galton nas percepções de enxergar os nativos do qual estabelecerá contato.

A historiadora Lorelai Kury sublinha este entrelaçamento entre viagens científicas e os Estados europeus, uma vez que “[...] as ciências tendem a se tornar indispensáveis à administração dos Estados europeus, além de contribuir simbolicamente para sua legitimação”<sup>14</sup>. Ao tratar de Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), seguidor das ideias de Alexander von Humboldt (1769-1859), Kury percebe que sua interpretação de ciência atua de maneira prática e voltada para as necessidades das populações europeias, sobretudo, “[...] para o fortalecimento material e simbólico da nação que representavam”<sup>15</sup>. Saint-Hilaire pertenceu à atmosfera das viagens científicas do século XVIII para o XIX, inclusive permanecendo no Brasil entre 1816-1822. Entretanto, notamos que entre alguns dos seus objetivos<sup>16</sup> estaria o de fomentar a legitimidade de uma ciência por meio das viagens e dos viajantes – em nosso caso, a inglesa como uma tradição para o período.

Entre esta carga científica inerente destes viajantes, Capel disserta sobre a importância da relação entre a RGS e o trabalho expedicionário de Galton:

*El interés por las exploraciones pudo, de todas maneras, dar ocasión a relaciones con científicos que realizaban investigaciones de vanguardia en campos diversos de la ciencia. Ejemplar es en este sentido la relación de la RGS con Francis Galton (1822-1911). Fue por sus exploraciones en África de Sur, realizadas a su propia costa entre 1850 y 1852, por lo que la Royal Geographical Society le concedió su medalla de oro en 1853. Después de publicar su Arts of Travel, una obra que ha sido caracterizada por su ‘ingenuidad y sentido común práctico’ [...]”<sup>17</sup>*

Como fora no século anterior, esta fase do XIX esteve aberta às explorações de

<sup>12</sup> DOMINGUES, Ângela. “O Brasil nos relatos de viajantes ingleses do século XVIII: produção de discursos sobre o Novo Mundo”. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, ANPUH, vol. 28, n. 55, 2008, p. 148.

<sup>13</sup> GEBARA, *A África presente...*, p. 110.

<sup>14</sup> KURY, Lorelai. “Auguste de Saint-Hilaire, viajante exemplar”. *Intellèctus*, Rio de Janeiro, UERJ, vol. 2, n. 1, 2003, p. 01.

<sup>15</sup> KURY, “Auguste de Saint-Hilaire...”.

<sup>16</sup> A autora versa sobre o sentido de “filantropia” na atitude de alguns naturalistas em estar colaborando para a humanidade como um todo por meio do seu trabalho. KURY, “Auguste de Saint-Hilaire...”, p. 09-10.

<sup>17</sup> CAPEL, *Filosofia y ciencia...*, p. 178.

viajantes. Pela importância dotada das viagens científicas, os registros deixados nos livros de viagens, como menciona Henrique Soares Carneiro, “[...] é de certa forma a história das próprias viagens, que se perpetuam como relatos”<sup>18</sup>. A narrativa de viagem ao sudoeste africano que utilizamos como fonte está incluso neste caráter de ser um relato da “história da viagem de Galton”.

Vinculado a uma tradição familiar de exímios cientistas – e seu primo Charles Darwin percorrendo o mundo no Beagle – talvez tenha tomado para si a vontade e motivação para uma investigação ou viagem científica em alguma parte do globo. Afinal, neste contexto, a ciência da época era convidativa para tal prática. Como sugere Hobsbawm, “[...] o progresso do comércio e o processo de exploração abriram novos horizontes do mundo ao estudo científico e estimularam o pensamento sobre eles”<sup>19</sup>. Além disso, as expedições científicas consolidariam o poderio dos Estados colonizadores e “[...] de palmilhar territórios desconhecidos, de revelá-los, por meio da ciência, em seus recursos e riquezas”<sup>20</sup>, como lembrou Lúcio Menezes Ferreira. Isto pode ser esboçado nas memórias de nosso protagonista:

*Travellers of the present generation need some effort of imagination to put themselves into the mental positions of those who were living in 1849. Blank spaces in the map of the world were then both large and numerous, and the positions of many towns, rivers, and notable districts were untrustworthy. The whole interior of South Africa and much of that of North Africa were quite unknown to civilised man.*<sup>21</sup>

Podemos imaginar o prestígio que acarretariam essas campanhas para um jovem cientista inglês. Sua viagem ocorreu em 05 de abril de 1850, um período em que parecia propício este tipo de empreitada, uma vez que vários outros homens aventuravam-se para fora do continente Europeu. O alvorecer da década 50 do século XIX pode ser representado ainda como uma incógnita no desbravamento de parte do globo, onde havia muitas possibilidades de incursões e “descobrimientos”. Ao olharmos para a obra, *Era do Capital*, de Hobsbawm, o autor concorda com o mapa anexado na narrativa de Galton de que “[...] imensas áreas de vários continentes europeus estavam marcadas em branco, inclusive nos melhores mapas europeus – principalmente no que diz respeito à África [...]”<sup>22</sup>. O mapa abaixo contido no *Narrative of an Explorer in Tropical South Africa*, traduz com precisão a ideia de unexplored region:

---

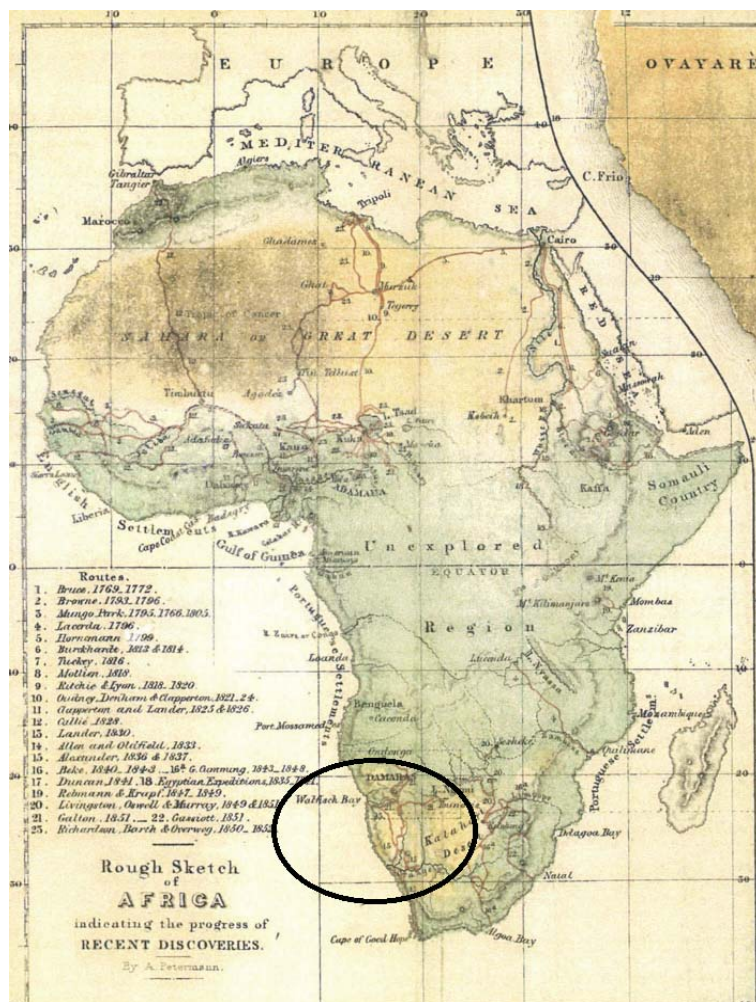
<sup>18</sup> CARNEIRO, Henrique Soares. “O múltiplo imaginário das viagens modernas: ciência, literatura e turismo”. *História: questões e debates*, Curitiba, UFPR, n. 35, 2001, p. 231.

<sup>19</sup> HOBBSAWM, Eric J. *A era das revoluções: 1789-1848*. Tradução de Marcus Penchel. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014, p. 431.

<sup>20</sup> FERREIRA, Lúcio Menezes. “Ciência nômade: o IHGB e as viagens científicas no Brasil imperial”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, Fiocruz, vol. 13, n. 2, 2006, p. 275.

<sup>21</sup> GALTON, *Memories of my life*, p. 121.

<sup>22</sup> HOBBSAWM, Eric J. *A era do capital: 1848-1875*. Tradução de Luciano Costa Neto. 21. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014, p. 89.



**Fig. 1** – *Rough Sketch of Africa*<sup>23</sup>, com destaque, na elipse, para a região explorada por Galton.

Na elipse sobre o mapa, destacamos a região onde Galton permaneceu e faz parte ilustrativa das nossas fontes. Na imagem é possível ver Walfisch Bay, a região de Damaras, e o Kuisip River ao sul. Mais adiante, maximizaremos a região em uma nova figura para possibilitar a visualização de outros traços territoriais e análises pertinentes sobre o local. Em um primeiro momento, cabe localizá-lo perante o continente africano entre os anos de 1850-1852. Na cartografia atual, a região do espaço marcado compreende os territórios da África do Sul, Namíbia e Botsuana.

### Em Contato com a Vida Animal em South-West African

Para acompanhá-lo nesta expedição, Galton contou com o apoio do sueco Charles Andersson (1827-1867), um aventureiro amante do naturalismo que o

<sup>23</sup> Cf.: GALTON, Francis. *Narrative of an explorer in Tropical South Africa*. Londres: John Murray, Albemarle, 1853. Ilustrações. Também é possível encontrar a imagem no sítio disponível em: <<http://www.galton.org/>>. Acesso em: 29 abr. 2014.

conheceu durante sua estadia na Inglaterra. No livro de Andersson, *Lake Ngami or explorations and discoveries during four years wanderings in the wilds of Southwestern Africa*, o autor conta-nos como foi a curiosa aproximação entre ele e Galton:

*Shortly after my arrival in London, Sir Hyde Parker, another valued friend of mine, and 'The King of Fishermen', introduced me to Mr. Francis Galton, who was then just on the point of undertaking an expedition to Southern Africa; his intention being to explore the unknown regions beyond the boundary of the Cape of Good Hope Colony, and to penetrate, if possible, to the recently-discovered Lake Ngami. Upon finding that I, also, had an intention of traveling, and that our tastes and pursuits were, in many respects, similar, he proposed to me to give up my talked-of trip to the far north, and accompany him to the southward – promising, at the same time, to pay the whole of my expenses. This offer awoke within me all my former ambition; and, although I could not be blind to the difficulties and dangers that must necessarily attend such an expedition, I embraced, after some hesitation, Mr. Galton's tempting and liberal proposal.*<sup>24</sup>

Galton, em seu turno, expressou sua opinião sobre seu novo companheiro de viagem da seguinte maneira: “I now began my preparations in good earnest. Mr. Andersson, a Swedish gentleman and a naturalist, consented to accompany me; and to his perseverance and energy I have since been in the highest degree indebted”<sup>25</sup>. Pela parceria que mantiveram, Andersson é citado dezenas de vezes no livro durante a narrativa da viagem. Posteriormente, ao chegarem à Cidade do Cabo, África do Sul, no início de 1850, Galton e Andersson dirigiram-se para Walfisch Bay onde se aproximaram da população Hotentotes, do qual tiveram contato e certo tipo de ajuda.

O que pode ser notado nos meses iniciais da estadia de Galton na região é a dificuldade com a adaptação climática bem como o receio dos animais locais. Leões, por exemplo, percorrem grande parte das preocupações ao longo dos seus escritos. Há também extensas descrições do contato com diversos povos como Namaquas, Damaras e Ovampos. Abaixo se configura o trajeto da viagem do explorador inglês ilustrado em suas memórias.

---

<sup>24</sup> ANDERSON, Benedict R. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 21.

<sup>25</sup> GALTON, *Narrative of an explorer...*, p. 02-03.

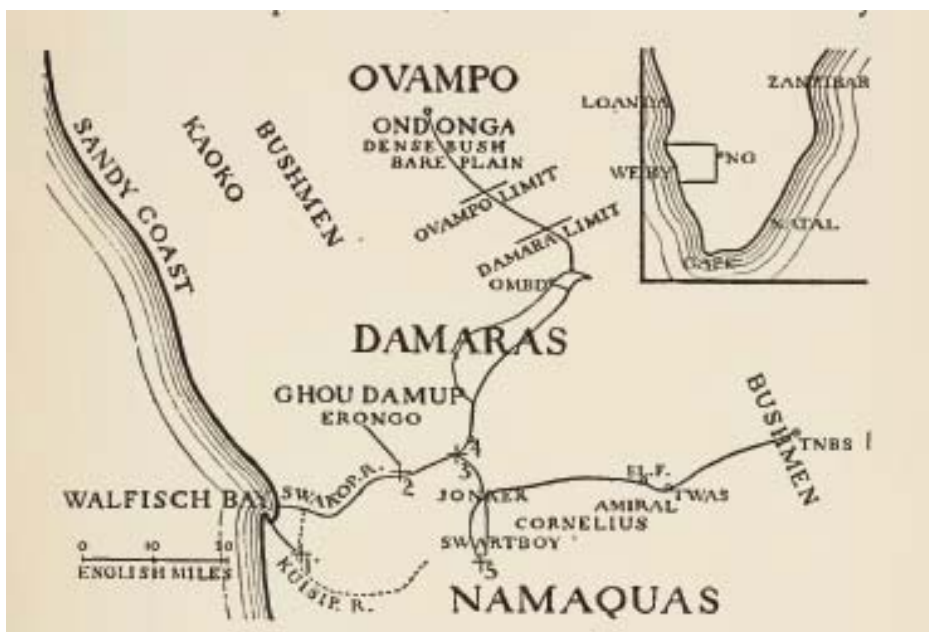


Fig. 2 – Detalhamento do trajeto da viagem de Galton<sup>26</sup>.

O quadro maior da Fig. 2 registra, por meio de “linhas” o trajeto de Galton durante a viagem. Quanto ao quadro menor, no canto superior direito, estabelece uma localização geográfica tendo em vista o sudoeste do continente africano, como mostramos na Fig. 1. O maior problema/ conflito entre povos notado na expedição de Galton converge entre a relação dos Namaquas com os Damaras. Esta questão trouxe preocupação para o viajante inglês logo no início: “The Namaquas were always fighting with the Damaras, and it was very doubtful whether having travelled amongst the one tribe, the other would permit me to pass through their country”<sup>27</sup>. Galton priorizou as trocas de ferro com os Damaras e roupas e armas com os Namaquas como uma das estratégias para poder transitar entre as localidades que estes grupos dominavam.

A vida humana e animal despertou notória inquietação para o viajante inglês. No que diz respeito aos povos que citamos, nos chamaram a atenção as descrições e os interesses pelos Damaras – que mais tarde serão retomadas neste trabalho. Além de “grupos humanos”, não são raras as menções aos animais locais como elefantes, girafas e, principalmente, o temor aos leões. Suas anotações, inclusive, norteiam a expressão de uma sabedoria mitológica do local.

Esta curiosidade quanto às lendas e mitos locais estão presentes nas anotações de Galton, o que demonstra sua atenção em capturar todo o tipo de observação que estivesse à mão na constituição do seu relato. Ele descreve o que ouviu dos Bushmen – um dos grupos que vivia na região – sobre a existência de um “unicórnio”. Este conto desdobra-se em duas considerações importantes; a) a crença local de alguns povos; b) sua lembrança de que havia lido sobre outros viajantes que estiveram

<sup>26</sup> GALTON, *Memories of my life...*, p. 121; Cf.: GALTON, *Narrative of an explorer...*, Ilustrações.

<sup>27</sup> GALTON, *Narrative of an explorer...*, p. 10.

no norte – Galton estava no sudoeste – da África que narraram sobre as mesmas lendas<sup>28</sup>. Em outra localidade – na região de Ovampo – ele conheceu sobre outra crença de um monstro mitológico local, o Basilisco:

*Of another fabulous monster, the cockatrice, a most widely spread belief exists. The Ovampo, the Bushmen of this place, and Timboo, all protested that there is such a creature, and that they had often seen it. They described it as a snake, sometimes twelve feet long, and as thick as the arm; slender for its length, with a brilliantly variegated skin; it has a comb on the head exactly like a guinea-fowl, but red, and has also wattles; its cry is very like the noise that fowls make when roosting - I do not mean crowing, but a subdued chucking; its bite is highly venomous, and it is a tree snake. I heard an instance of ten cows having been bitten one after the other; they said that sometimes people when on their way home at night hear a chucking in the tree, and think that their fowls have strayed, and as they are peering about under the branches to see where they are, the snake darts down upon them and bites them. It appears to be a particularly vicious snake. I have generally heard it called "hangara." I never heard of its possessing wings.*<sup>29</sup>

Esta parece ser a única vez que Galton se preocupa em relatar as crenças mitológicas dos habitantes. Ao que tudo indica nas fontes, os animais “reais” são muito mais sedutores do que os “lendários”. Quanto à vida animal, a narrativa de Galton é riquíssima, mas diante a impossibilidade em tratar em um único artigo todos eles, selecionamos quatro, divididos em três grupos. O primeiro seria composto pelo fator do *medo de ataques* (leões), o segundo atribuímos a característica da *necessidade de alimentação* (girafas) e o terceiro a *curiosidade quanto ao animal* (elefantes e rinocerontes). Forjamos esta nomenclatura para facilitar o entendimento dos grupos que queremos destacar.

O *medo de ataques* de leões aparece em quase toda a narrativa. Galton nitidamente preocupa-se com a possibilidade de ataques. Como viajavam com grande quantidade de bois e outros animais, os ataques pareciam ser mais intensificados por conta da fome dos leões. Apesar de sua preocupação, há algumas situações em que teve que se confrontar diretamente com um desses animais<sup>30</sup>.

---

<sup>28</sup> GALTON, *Narrative of an explorer...*, p. 283.

<sup>29</sup> GALTON, *Narrative of an explorer...*, p. 283-284.

<sup>30</sup> Segue o relato de seu quase enfrentamento com um dentre as dezenas de leões que encontrou em sua estadia na África: “Andersson had gone to the other side of the river to reconnoiter something, and I left my guns, &c., at the bottom of the rock, with Stewartson and the men, and ran up to fetch the meat. I was busy tugging out the last shoulder of my trusty steed, when the men called out, ‘Good God, sir, the lion’s above you!’ I did feel queer, but I did not drop the joint, I walked steadily down the rock, looking very frequently over my shoulder; but it was not till I came to where the men stood that I could see the round head and pricked ears of my enemy, peering over the ledge under



Entretanto, apesar de toda esta atmosfera de tensão por conta dos leões, Galton apresenta a informação de que estes animais não são as principais causas de morte por ataques na localidade. Mesmo que apareça com mais frequência a figura do leão em suas narrativas “I was curious to know what animals here were the most fatal to man, and we counted over all the deaths that we could think of. Buffaloes (though not common here) killed the most, then rhinoceroses, and lastly, lions”<sup>31</sup>. Galton ainda complementa seus dados através de um testemunho: “Areep, the predecessor of Cornelius, as chief of his tribe, was killed by a black rhinoceros. It is curious how many people are wounded by lions, though not killed”<sup>32</sup>.

O segundo grupo condizente com a *necessidade de alimentação* permite-nos avaliar o papel das girafas durante a viagem de Galton. Estes animais pareciam ser uma boa fonte de alimento durante os trajetos e o próprio explorador inglês relata que desempenhou uma caçada particular na busca de uma girafa. Como consta, depois de uma perseguição de quatro horas, da qual ficou a milhas de distância do seu grupo, conseguiu com seu rifle acertar o animal e “among some bushes, and under a camelthorn tree stood my first giraffe”<sup>33</sup>. Além da caça é interessante notar o apreço da carne deste animal. Outro ponto que corrobora com a valorização da carne da girafa apresenta-se quando Galton narra a descoberta de uma girafa que fora atacada por um leão. Em decorrência notou que um grupo se direciona até o local com tochas para espantar o leão e tomarem-lhe a presa: “They ran unconcernedly up to the giraffe, and frightened the lion off it, who kept roaring and prowling about them close by, whilst they cut up the meat”<sup>34</sup>.

O terceiro e último grupo que elegemos diz respeito à *curiosidade quanto ao animal*. Isto significa mostrar o esforço e a vontade de Galton em conhecer dois tipos de animais: os elefantes e os rinocerontes. Quanto ao primeiro cabe uma explicação para não deixar lacunas sobre a maneira como aparecem no livro, pois se dividem em duas nomenclaturas, uma geográfica – denominada Fonte dos Elefantes – e outra o elefante propriamente dito.

A Fonte dos Elefantes, em nossa Figura 2, surge no momento em que Galton caminhou a leste do continente. Nesta região, a localização encontra-se sobre a abreviação de *EL.F.* (Elephant Fountain). Ela está acima da região *Amiral* e ao oeste de *Twas* e do grupo de Bushmen do leste. O lugar parecia ser um reservatório de água onde diversos grupos de animais utilizavam. Seu nome deriva das numerosas quantidades de elefantes que as populações locais relataram serem frequentadoras da região. Porém, como diz o autor, “Elephants were then numerous at the place, but they have now quitted it”<sup>35</sup>.

---

which I had been at work. Stewartson made a very good shot at him, but too low, splintering the stones under his chin. It was far too dark for a good aim. It then appeared that the creatures we had thought were deer, were really the lions. It was now useless to lie out where we had intended, as the lions knew all about us, and proved to be far better rock-climbers than ourselves; and, as we could not get up the tree, we returned thoroughly out-generalled”. GALTON, *Narrative of an explorer...*, p. 47-48.

<sup>31</sup> GALTON, *Narrative of an explorer...*, p. 264-265.

<sup>32</sup> GALTON, *Narrative of an explorer...*, p. 264-265.

<sup>33</sup> GALTON, *Narrative of an explorer...*, p. 53-54.

<sup>34</sup> GALTON, *Narrative of an explorer...*, p. 106.

<sup>35</sup> GALTON, *Narrative of an explorer...*, p. 260.

No que concernem aos animais, suas pegadas pareciam ser úteis na identificação de trilhas e rotas de acesso. O primeiro elefante aparece para Galton a pouco mais da metade de sua narrativa. A região situa-se nos limites de Damara, em Okambuti, ao norte do mapa. Após algumas horas perseguindo rastros de cinco elefantes, Galton presenciou um ataque de um grupo de Damaras armados de Azagaias – um tipo de lança curta usada para arremesso – contra um elefante, mas nenhum dano grave foi desferido ao animal. O momento mais impressionante aparece em relação à força do animal quando, “A dog belonging to one of the natives ran in upon the elephant, and while the owner was trying to get the dog back, the elephant caught the man with his trunk and threw him violently to the ground. All his ribs seemed to be broken, and he soon died”<sup>36</sup>. O viajante inglês descreve que o elefante foi embora e voltou dias depois quando foi alvejado com sete balas e os Damaras puderam avançar sobre o animal<sup>37</sup>. Estes excertos são referências para estabelecermos as várias atividades de um elefante nos locais e o contato com as populações, sejam elas referente à alimentação, pistas de trilha ou medo de ataques.

Os rinocerontes aparecem em menor quantidade no caderno de viagem, mas são essencialmente importantes para notarmos o deslumbre de Galton quanto a estes animais. Entre algumas tentativas em descrever suas vivências, ele percebe a dificuldade entre leões e rinocerontes de habitarem o mesmo território<sup>38</sup>. Mas o que nos salta aos olhos diz respeito à agressividade do animal. Em um dos trechos da narrativa, ele diz que recebeu a informação do agrupamento de rinoceronte no local que estavam acampados no cair da noite e, portanto, deveriam seguir adiante. Ressaltamos a descrição de Galton sobre as mortes em decorrência do ataque deste mamífero: “Forty were killed here about a month since; I could not doubt it, for I counted in a small space upwards of twenty heads”<sup>39</sup>. Talvez o relato mais enfático aconteça faz comparações entre um elefante e um rinoceronte branco:

*I do not think an elephant gives anything like the idea of bulk and power that the white rhinoceros does. An elephant is so short, and so high upon his legs, that he looks what jockeys would call “weedy” in comparison to the low and solid rhinoceros. The largest of these that we shot was eighteen feet long and six high; the head and neck forming, I should say, a third of the entire length. If a creature of this size be imagined against the wall of a room, an idea may be formed of his immense size. Their rush is wonderfully quick; they seem to me to get up their speed much quicker than a horse or any other animal I know. I really think that if a rhinoceros and horse caught sight of one another at the same instant, when not more than ten yards apart, the beast would catch the steed. Their movements are amazingly rapid when they receive a bullet.*<sup>40</sup>

<sup>36</sup> GALTON, *Narrative of an explorer...*, p. 169.

<sup>37</sup> GALTON, *Narrative of an explorer...*, p. 169.

<sup>38</sup> GALTON, *Narrative of an explorer...*, p. 278.

<sup>39</sup> GALTON, *Narrative of an explorer...*, p. 264.

<sup>40</sup> GALTON, *Narrative of an explorer...*, p. 279.

É neste momento que se destaca a iniciativa de Galton em perceber a vida animal e de “grupos humanos” no local, além, é claro, da geografia. Seu esforço entra em consonância quando Daniel Kevles nos adverte de que “The Royal Geographical Society awarded him a gold medal and the Royal Society soon elected him to its fellowship”<sup>41</sup>. A importância desta medalha foi constatada pelo próprio viajante inglês em suas memórias à medida em que “The Geographical Medal gave me an established position in the scientific world”<sup>42</sup>. A medalha pode ser pensada como a legitimação de um grau de autoridade que o colocou ainda em mais destaque como cientista do período por sua produção como viajante.

## **Impressões Gerais Sobre as Populações**

O que pretendemos agora é trabalhar uma problemática que pode soar anacrônica para aqueles que tomam Galton apenas como um estudioso direcionado às pesquisas de eugenia. As análises das fontes nos remetem a algumas impressões de Galton sobre vários povos locais. Intencionalmente destacamos determinadas passagens a sua observação como viajante/ cientista dos “grupos humanos”. Assim, será um problema para o leitor buscar associações e conclusões futuras de Galton nestes excertos. Isto não exclui seu acúmulo de experiência no território africano para a compreensão dos “tipos humanos” em tempos porvindouros, mas este trabalho não tem o objetivo de considerá-lo após seus estudos estatísticos hereditários da década de 1860, pelo contrário, nossa proposta é justamente perceber as visões de viagem do até então Galton na função de explorador. Estas percepções corroboram com o que podemos chamar da sua compreensão em diferenças “raciais” entre ingleses e povos africanos, mas ela responde às particularidades das construções “raciais” da aristocracia e do seu contexto temporal.

Em primeiro lugar, a partir da Fig. 2 podemos considerar a localidade ocupada pelos Damaras para as nossas impressões iniciais. Esta região foi explorada por Galton no curso da viagem e, não à toa, os relatos acabaram sendo constantes sob seu modo de vida. Aliás, notaremos em muitas de suas falas o juízo de valor e adjetivações congregadas a este grupo, o que, para nós, reflete no seu acúmulo de experiências sociais inglesas.

As notas iniciais de Galton concernem ao interesse comercial dos Damaras pelo ferro. Em uma breve comparação, ele expõe a importância do ferro para os Damaras, pois, “The Damaras adore iron as we adore gold”<sup>43</sup>. Entretanto, ele parece demonstrar certa irritação ao ter que negociar um espaço ou se comunicar com este povo:

*I could find no pleasure in associating and trying to chat with these Damaras, they were so filthy and disgusting in every way, and made themselves very troublesome. My mules were watched and taken out to graze by two natives,*

<sup>41</sup> KEVLES, *In the name of eugenics...*, p. 06-07.

<sup>42</sup> GALTON, *Memories of my life...*, p. 151.

<sup>43</sup> GALTON, *Narrative of an explorer...*, p. 93.

*whom I fed and paid at the rate of a yard of iron wire per month.*<sup>44</sup>

Além desta crítica, ele também dissertou sobre os roubos feitos pelo grupo. Esta dificuldade é relatada em nossa fonte durante toda a viagem, pois além dos animais que poderiam matar o gado, os roubos seriam uma constante: “They always crowded round us and hemmed us in, and then tried to hustle us away from our bags and baggage. They have an impudent way of handling and laying hold of everything they covet, and of begging in an authoritative tone, laughing among themselves all the time”<sup>45</sup>. As preocupações com os furtos tornam-se compreensíveis tendo em vista que Galton financiava a expedição e temia correr riscos de ficar sem recursos.

As comparações entre seus valores da sociedade inglesa com o novo território tornaram-se recorrentes. Talvez, uma forma de compreender aqueles o “Outro” estaria em tentar definir semelhanças e diferenças com a sua própria sociedade. Esta evidência aparece em sua apreensão com algumas práticas do Damaras e também ao ouvir sobre a existência de um povo que seria “mais civilizado” e viveria ao norte da região que estava. Galton mostra um grande êxtase em conhecê-los. Assim, ao comparar os Damaras com Ovampos, dirá que os primeiros são relativos aos trabalhadores ingleses:

*A nation called the Ovampo were said to live in that direction, a very interesting agricultural people, who, according to Damara ideas, were most highly civilised. I wished much to go to them; they were the only people worth visiting that I could hear of; but I could find out very little regarding them. These savages were as ignorant of the country two days' journey off as an English labourer usually is.*<sup>46</sup>

O que pode ser sublinhado no excerto acima é a noção de “mais civilizado” em contraponto ao “menos civilizado” ou “selvagem”. Um critério comum no contexto de Galton em que se fazia a medição desses “termômetros civilizatórios” a partir da sua noção de *comunidade imaginada*. Como expressou Benedict Anderson a respeito da dominação europeia, em especial a inglesa nas colônias, pressupunha-se uma superioridade inata e herdada sobre os colonizados e se “[...] os lordes ingleses eram naturalmente superiores aos outros ingleses, isso não importava: esses outros ingleses também eram, da mesma forma, superiores aos povos submetidos”<sup>47</sup>. Mesmo distante temporalmente do sentido da eugenia e hereditariedade de Galton não significa que ele estava avesso às “noções raciais” e da constituição de locais “civilizados” e “incivilizados” ou grupos “racialmente inferiores”. Isto, proveniente também de uma concepção aristocrática inglesa e de teses raciais que faziam parte

---

<sup>44</sup> GALTON, *Narrative of an explorer...*, p. 82.

<sup>45</sup> GALTON, *Narrative of an explorer...*, p. 99.

<sup>46</sup> GALTON, *Narrative of an explorer...*, p. 86.

<sup>47</sup> ANDERSON, *Comunidades imaginadas...*, p. 210.

do imaginário do período. Por isso, não se trata de aproximá-lo à eugenia nesse momento, mas sim àquela atmosfera racial da qual fazia parte.

A partir de sua experiência social europeia, Galton, assim como muitos viajantes faziam suas comparações e, estas, podem ser retrato do que aludimos ao “choque entre sociedades distintas” ou como melhor definiu Mary Louise Pratt “zona de contato”: “[...] espaço de encontros coloniais, no qual as pessoas geográfica e historicamente separadas entram em contacto umas com as outras e estabelecem relações contínuas, geralmente associadas a circunstâncias de coerção, desigualdade radical e obstinada”<sup>48</sup>. Talvez, as comparações compreendessem também na esfera de inteligibilidade para a sociedade que transmitiria seus escritos.

Um excerto especial sobre os grupos Hotentotes satisfaz as comparações entre ingleses e as populações africanas que encontrou em sua viagem. Deve-se ter cautela com este trecho, pois ele trabalha com a ideia do “rosto criminoso”:

*The greater part of the Hottentots about me had that peculiar set of features which is so characteristic of bad characters in England, and so general among prisoners that it is usually, I believe, known by the name of the ‘felon face’; I mean that they have prominent cheek bones, bullet shaped head, cowering but restless eyes, and heavy sensual lips, and added to this a shackling dress and manner. The ladies have not universally that very remarkable development which was so striking in Petrus wife at Barmen. It is a peculiarity which disappears when one of the parents have European blood, while other points, more especially the absence of white at the root of the finger nails, remain after many crosses with the Dutch. Some few of the lads and girls have remarkably pleasing Chinese -looking faces.*<sup>49</sup>

A tese do “rosto criminoso” característico de pessoas “delinquentes” da Inglaterra deve ser observada com cuidado em sua interpretação. Visto sob outros prismas, esta frase se torna um convite para o anacronismo. Para Galton, os “ossos proeminentes da face” e a cabeça em forma de “bala” seriam características anatômicas que aproximariam o indivíduo ao “homem criminoso”. Na segunda metade do século XIX esta abordagem antropométrica relacionada à conduta social humana aparecerá com impacto por meio da Escola de Antropologia Criminalista de Cesare Lombroso – a exemplo do livro *Criminal Man*. Galton, inclusive, na sua obra *Inquires into human faculty and its development* (1883), busca na noção antropométrica a idealização das fotografias como registro de medição.

Apesar da popularização da antropometria ser uma característica do final dos anos de 1850, Claude Blanckaert<sup>50</sup> com a criação da *Société d’Anthropologie* de

<sup>48</sup> PRATT, Mary Louise. *Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: EDUSC, 1999, p. 31.

<sup>49</sup> GALTON, *Narrative of an explorer...*, p. 123-124.

<sup>50</sup> BLANCKAERT, Claude. “Lógicas da antropotecnica: mensuração do homem e bio-sociologia (1860-1920)”. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, ANPUH, vol. 21, n. 41, 2001, p. 147.

Paris, por Paul Broca, a classificação humana era um conhecimento compartilhado dentro de parte da ciência do período. As teses de Buffon (1707-1788) e de Cornelius de Pauw (1739-1799) ainda no século XVIII assinalavam uma concepção hierarquizante dos indivíduos<sup>51</sup>. Galton foi herdeiro da atmosfera da discussão de categorização racial que surgia com força nas interpretações do homem, inclusive com a utilização de métodos matemáticos. As diferenças humanas tornavam-se cada vez mais um objeto de análise da ciência do período.

Ao convocarmos o *Inquires into human faculty and its development* podemos fazer um contraponto pertinente. Ao final do excerto nas narrativas de 1853 ele dirá da infusão do sangue europeu – mas especificamente o holandês – onde algumas características desaparecem nos Hotentotes. Quando olhamos, posteriormente, a obra de 1883, entendemos como ele se lembra da questão e da miscigenação para a mudança antropométrica com a fusão de sangue entre aqueles povos e holandeses: “Lastly, the steadily encroaching Namaquas, a superior Hottentot race, lived on the edge of the district. They had very much more civilization than the Bushmen, and more than the Damaras, and they contained a large infusion of Dutch blood”<sup>52</sup>. Galton, quando pensa a questão três décadas depois, percebe esta relação. Em outras palavras, a experiência da viagem serviu para seus estudos antropométricos que realizará décadas depois. Sendo assim, ela não deve ser entendida de forma contrária, como se nas viagens da década de 1850 estas concepções fossem presentes em suas observações.

Neste momento há uma curiosidade científica/ racial por parte das medições e, isso pode ser verificado ao citar a vontade em comparar as medidas entre a esposa de Petrus e Jonker:

*The result is, that I believe Mrs. Petrus to be the lady who ranks second among all the Hottentots for the beautiful outline that her back affords, Jonker's wife ranking as the first; the latter, however, was slightly passee, while Mrs. Petrus was in full embonpoint. I profess to be a scientific man, and was exceedingly anxious to obtain accurate measurements of her shape; but there was a difficulty in doing this. I did not know a word of Hottentot, and could never therefore have explained to the lady what the object of my foot- rule could be; and I really dared not ask my worthy missionary host to interpret for me. I therefore felt in a dilemma as I gazed at her form, that gift of bounteous nature to this favoured race, which no mantuamaker, with all her crinoline and stuffing, can do other- wise than humbly imitate The object of my admiration stood under a tree, and was turning herself about to all points of the compass, as ladies who wish to be admired usually do. Of a sudden*

---

<sup>51</sup> Cf.: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 43-46.

<sup>52</sup> GALTON, Francis. *Inquiries into human faculty and its development*. Londres: Macmillan & Co., 1883, p. 314.

*my eye fell upon my sextant; the bright thought struck me, and I took a series of observations upon her figure in every direction, up and down, crossways, diagonally, and so forth, and I registered them carefully upon an outline drawing for fear of any mistake; this being done, I boldly pulled out my measuring-tape, and measured the distance from where I was to the place she stood, and having thus obtained both base and angles, I worked out the results by trigonometry and logarithms.*<sup>53</sup>

Esta questão pode esclarecer de maneira mais satisfatória a ânsia de Galton nas medições. Ele se classificava como um “homem de ciência” e, conseqüentemente, despertava o interesse em medir fisicamente aquela mulher para o qual viu em suas formas um curioso interesse antropométrico e matemático. Contudo, dois problemas surgem. O primeiro seria a dificuldade em se comunicar com as populações que viviam na região, uma vez que não professava a língua matriz. O segundo consistiria na complexidade em tentar transmitir as mensagens com seu intérprete, pois não saberia como estas, simbolicamente, seriam recebidas. Daí em diante, a descrição do viajante inglês sobressai na vontade em delimitar as medidas imaginando as formas da mulher por meio de trigonometria e logaritmos. Havia uma aspiração de compreender aqueles povos não unicamente no sentido as suas constituições físicas, mas também em suas práticas de vivência.

A utilização de conceitos matemáticos – como as medidas do astrônomo Jean Baptiste Joseph Delambre (1749-1822) – esteve presente entre os viajantes. A trigonometria pode ser observada no uso de Humboldt, e que antecede a Galton. Para ilustrar, “le 1<sup>er</sup> septembre 1799, écrivaint de Cumana au baron de Zach, il pouvait lui annoncer qu’il avait ‘déterminé trigonométriquement’ en se ‘servant de quelques triangles’ la position de deux localités, tout en ajoutant qu’il faisait plus confiance aux ‘expériences astronomiques’”<sup>54</sup>. Dessa forma, quando Galton pensa na trigonometria e nos logaritmos, ele dispõe de uma maneira de enxergar o “Outro” por seu conhecimento estatístico e matemático de sua formação.

Uma de suas observações mostrou como os Damaras são péssimos guias. No documento ele diz que: “A Damara never generalizes; he has no one name for a river, but a different name for nearly every reach of it”<sup>55</sup>. Isto se deve em comparação à maneira como os Damaras observam seus referenciais de trajetos. Para Galton, os europeus conseguiam discernir pontos distantes, já para os Damaras, essa realização seria em curtas distâncias, somada com a atenção aos detalhes locais a exemplo de uma pedra ou de alguma coisa que remetesse a objetos conhecidos. Eles não faziam “mapas mentais”, o que para Galton, facilitaria.

Esta questão que aparenta ser casual e suscita elementos vistos na historiografia. A desapropriação desses viajantes perante a noção do conhecimento africano

<sup>53</sup> GALTON, *Narrative of an explorer...*, p. 88.

<sup>54</sup> DROUIN, Jean-Marc. “Analogies et contrastes entre l’expédition d’Egypte et le voyage d’Humboldt et Bonpland”. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, Fiocruz, vol. 8, supl., 2001, p. 845.

<sup>55</sup> GALTON, *Narrative of an explorer...*, p. 177.

interage com a tentativa de deslegitimá-lo diante o conhecimento científico europeu<sup>56</sup>. Clives Barnett compreende a tentativa do europeu e, em nosso caso o inglês e a RGS, em dar credibilidade à descrição do viajante perante o discurso do nativo e, isto equivale a “This operation amounts to the discursive dispossession of non-European subjects of their authority over knowledge”<sup>57</sup>. Por este viés, é possível entender como Galton percebia o aparato científico que o legitimava sob o auspício da RGS em contrapartida aos povos que tinham seus próprios métodos que, neste caso, não fazia sentido na sua concepção.

Durante a viagem ele contou com um tipo diferente de animal que o guiou e possuía uma relevante representação social para alguns grupos locais, o boi. Inicialmente pareceu estranhar a ideia de “cavalgar” sobre bois e não cavalos. Sendo assim, ele observou um respeito local entre os Damaras e estes animais, pois, “Damaras have a great respect, almost reverence, for oxen”<sup>58</sup>. O animal, entre outras práticas de vivência dos Damaras, estaria também representado no ritual de morte:

*After death the corpse is placed in a squatting posture, with its chin resting on its knees, and in that position is sewn up in an old ox-hide (the usual thing that they sleep on), and then dropped down into a hole that is dug for it, the face being turned to the north, and covered over; lastly, the spectators jump backwards and forwards over the grave to keep the disease from rising out of it. A sick person meets with no compassion; he is pushed out of his hut by his relations away from the fire into the cold; they do all they can to expedite his death, and when he appears to be dying, they heap ox-hides over him till he is suffocated. Very few Damaras die a natural death.*<sup>59</sup>

A descrição é elucidativa quanto ao ritual em pauta. O couro de boi desempenharia uma função dentro do cerimonial que estabeleceria o poder simbólico do animal no momento da morte. Portanto, isso nos leva a crer que Galton não se focou apenas na análise geográfica, ele procurou compreender como os habitantes locais atuavam em situações do seu dia a dia. Isto se deve tanto para o complemento do seu relato como um interesse particular nos estudos daquelas pessoas – e a medição anatômica pode ser considerada como um exemplo. Ele não se limitou a descrições populacionais, mesmo que elas apareçam por quase toda a fonte.

Gebara, ao estudar o viajante inglês Richard Francis Burton (1821-1890) na década de 1850, em sua viagem à África Oriental, apresenta uma visão semelhante

---

<sup>56</sup> GEBARA, *A África presente...*, p. 110.

<sup>57</sup> BARNETT, Clives. “Impure and Worldly Geography: the Africanist Discourse of the Royal Geographic Society”. *Transactions of the Institute of British Geographer*, New Series, vol. 23, n. 2, 1998, p. 244. Disponível em: <[http://www.academia.edu/3768108/Impure\\_and\\_worldly\\_geography](http://www.academia.edu/3768108/Impure_and_worldly_geography)>. Acesso em: 07 jul. 2014.

<sup>58</sup> GALTON, *Narrative of an explorer...*, p. 138.

<sup>59</sup> GALTON, *Narrative of an explorer...*, p. 190.



de como Galton, por vezes, enxergaria as populações que manteve contato. Ao se debruçar sobre os escritos de Burton, o autor afirma que é preciso analisar a “[...] função da sua posição social e política no interior da Inglaterra, ou seja, é preciso pensar como suas representações podem estar relacionadas com transformações que colocavam em xeque uma concepção conservadora e aristocrática de estrutura social”<sup>60</sup> Núncia Santoro de Constantino vai ao encontro desta prerrogativa ao versar que “os olhares dos viajantes são etnocêntricos, porque são influenciados por um *dispositivo* que, segundo Foucault reagrupa determinado conjunto de crenças, valores ou representações, próprios de determinada época e de determinado grupo social”<sup>61</sup>.

Esta consequência pode ser observada no próprio recorte temporal dos viajantes ingleses ao diferenciarmos as percepções dos nativos entre o missionário inglês David Livingstone (1813-1873) e Galton, por exemplo. Para Gebara, enquanto o primeiro acreditava na possibilidade de melhorar as condições de vida na África, o segundo percebia a questão de inferioridade entre “grupos humanos” que seriam insuperáveis<sup>62</sup>. Os escritos de Livingstone e Galton inspiraram homens como do geólogo escocês Rodrick Murchison (1792-1871) no mapeamento da África<sup>63</sup>.

O próprio termo “raças” nos textos de Burton transformava-se mediante seus relatos de viagens. Analisando três livros da década de 1850, Gebara percebeu o viajante partindo de interpretações degeneracionistas dos nativos e, em outro momento, elegendo-os como um grupo de “selvagens” que caminhavam para o “progresso”<sup>64</sup>. Seja como for, torna-se importa perceber uma visão construída que poderia variar de autor para autor, mas que se une a condição do europeu como superior estando em um degrau acima da “evolução humana” e vinculada a um contexto de análise sobre as “diferenças humanas”.

Independente de como viajantes como Galton, Livingstone e Burton abrangiam as localidades que exploravam não se pode ignorar as interpretações que obtiveram das populações humanas e como estão entrelaçadas na busca de um conhecimento local que seria um dos parâmetros de instituições como RGS e do senso imperialista da Inglaterra.

## Considerações Finais

A primeira dificuldade que encontramos ao estudar a narrativa de viagem refere-se à própria temporalidade e contexto de Galton no reconhecimento que possui em sua trajetória como cientista. Atrelado ao conceito de hereditariedade e eugenia – e suas consequências como interpretação de uma ciência – é quase um desafio pensá-lo antes destes estudos e discriminar seu entendimento por

<sup>60</sup> GEBARA, A *África presente...*, p. 33.

<sup>61</sup> CONSTANTINO, Núncia Santoro de. “Introdução”. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Relatos de viagem como fontes à história*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012, p. 13.

<sup>62</sup> GEBARA, A *África presente...*, p. 111.

<sup>63</sup> STAFFORD, Robert A. *Scientist of empire: Sir Rodrick Murchison, scientific exploration and Victorian imperialism*. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1989, p. 156.

<sup>64</sup> GEBARA, Alexsander Lemos de Almeida. “As representações populacionais de Richard Francis Burton: uma análise do processo de constituição do discurso sobre populações não europeias no século XIX”. *Revista de História*, São Paulo, USP, n. 149, 2003, p. 204-205.

“raças”. Na trilha deste “problema temporal”, deve-se tomar cuidado com os anacronismos ou tentativas de direcionar seu pensamento para algo posterior mediante a bagagem de informações que o historiador tem hoje sobre o cientista novecentista. Portanto, quando se analisa determinadas afirmativas das viagens necessitamos de cautela com conclusões pré-definidas ou tentativas de ligações com momentos posteriores de suas pesquisas. É observável que sua experiência nestas aventuras ajudou-o em suas fases de maturação a pensar os ditos “grupos humanos”, porém, não podemos trazer para o jovem viajante Galton o peso de suas considerações científicas décadas depois. O objetivo deste estudo foi apontar elementos de investigação de Galton antes da década de 1860 por meio de suas narrativas de viagem e voltado a preocupações do campo científico em que atuou.

Isto não significou ausência de qualificações entre “raças” em sua viagem. Ele compreendia as populações em graus de “civilização” diferenciadas. Como elencamos no texto, ele compreenderia, entre outras, que os Ovampos seriam mais “civilizados” que os Damaras, por exemplo. Este argumento não é suficiente para situá-lo em suas pesquisas de décadas mais tarde, mas, para notar como um inglês do seu tempo que, dentro do âmbito científico e conhecedor do debate “racial” vigente, projetava sua própria visão daquilo que entendia como relação aos povos que conheceu. Não à toa, as relações da sociedade inglesa foram chamadas à baila para comparações em alguns momentos, a saber, o sentido de direção geográfica de um nativo em contraponto a um inglês ou à criminalidade entre nativos e criminosos ingleses.

Ademais, assim como Capel e Gebara, situamos a relevância do viajante para a consolidação de um movimento expedicionário crescente na África na década de 1850 que contou com o incentivo da RGS. Galton, como tantos outros viajantes deste período, formaram um elo de conhecimento do território que, posteriormente contribuiu para que outros exploradores e o próprio imperialismo inglês despontem em suas localidades. No que tange a Galton, a África foi sem dúvida um “laboratório biológico” que pôde ajudá-lo a interpretar diferenças na fauna, flora e “grupos humanos” que estariam presentes em suas anotações tanto na década de 1850, quanto nas posteriores.



## RESUMO

Embora Francis Galton seja mais lembrado pelas suas contribuições no campo da hereditariedade e, sobretudo, da eugenia na segunda metade do século XIX, antes, na década de 1850, viajou para o sudoeste africano sob o auspício da Royal Geographical Society na busca de explorar, anotar e mapear novos territórios. Esta pesquisa pretende contribuir com uma perspectiva do seu contato com diferentes povos da região e como descreveu por meio de uma narrativa suas impressões sobre vida local, seja animal ou humana.

**Palavras Chave:** Francis Galton; Viajantes; Sudoeste da África.

## ABSTRACT

Although Francis Galton is best remembered for his contributions in the field of heredity, and especially of eugenics in the second half of the nineteenth century before, in the 1850s, travelled to South West Africa under the auspices of the Royal Geographical Society in seeking to explore, annotate and map new territories. This research aims to contribute with an overview of their contact with different peoples of the region and as described through a narrative of his impressions of local life, whether animal or human.

**Keywords:** Francis Galton; Travellers; Southwest Africa.

Artigo recebido em 24 abr. 2015.

Aprovado em 23 out. 2015.